Estresse: diagnóstico dos policiais militares em uma cidade brasileira

Marcos Costa,[1] *Horácio Accioly Júnior,*[1] *José Oliveira*[2] *e Eulália Maia*[3]

Como citar Costa M, Accioly Jr H, Oliveira J, Maia E. Estresse: diagnóstico dos policiais militares em uma cidade brasileira. Rev Panam Salud Publica. 2007;21(4):217–22.

RESUMO

Objetivos. *Diagnosticar a ocorrência e a fase de estresse em policiais militares da Cidade de Natal, Brasil, além de determinar a prevalência de sintomatologia física e mental.*

Método. *Estudo descritivo, com corte transversal. Foi investigada uma amostra de 264 indivíduos extraída de uma população de 3 193 militares do Comando de Policiamento da Capital. Os dados foram coletados entre junho de 2004 e janeiro de 2005 utilizando-se o Inventário de Sintomas de* Stress *para Adultos de Lipp. Foi determinada a presença de estresse, a fase de estresse (alerta, resistência, quase-exaustão, exaustão), a prevalência de sintomas físicos e mentais e a relação entre estresse e unidade policial, posto policial, sexo, hábito de beber, fumo, escolaridade, estado civil, idade, tempo de serviço e faixa salarial.*

Resultados. *A proporção de policiais sem sintomas de estresse foi de 52,6%, enquanto que 47,4% apresentaram sintomatologia. Dos 47,4% com estresse, 3,4% encontravam-se na fase de alerta, 39,8% na fase de resistência, 3,8% na fase de quase-exaustão e 0,4% na fase de exaustão. Sintomas psicológicos foram registrados em 76,0% dos policiais com estresse, e sintomas físicos, em 24,0%. Das variáveis investigadas, a única que apresentou relação com estresse foi o sexo* (P = *0,0337), sendo as mulheres as mais afetadas.*

Conclusões. *Os níveis de estresse e de sintomas não indicaram um quadro de fadiga crítico. É recomendável uma ação preventiva por parte da organização policial, que poderia incluir a aplicação de um programa de diagnóstico, orientação e controle do estresse.*

Palavras-chave Estresse, polícia, saúde mental, Brasil.

A profissão de policial militar é uma atividade de alto risco, uma vez que esses profissionais lidam, no seu cotidiano, com a violência, a brutalidade e a morte. A literatura aponta que os policiais estão entre os profissionais que mais sofrem de estresse, pois estão constantemente expostos ao perigo e à agressão, devendo freqüentemente intervir em situações de problemas humanos de muito conflito e tensão (1–3).

Pelas características da sua profissão, o policial é um forte candidato ao *burnout*, um tipo específico de estresse crônico. A síndrome de *burnout* se caracteriza por apresentar sintomas e sinais de exaustão física, psíquica e emocional que decorrem de uma má adaptação do indivíduo a um trabalho prolongado e com uma grande carga de tensão. O termo serve para designar um estágio mais acentuado do estresse, que atinge profissionais cujas atividades exigem um alto grau de contato interpessoal, a exemplo dos policiais, enfermeiros e assistentes sociais, entre outros (4, 5). Esse quadro propicia o surgimento de patologias e

[1] Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde. Enviar correspondência para Marcos Costa no seguinte endereço: Rua Francisco Antônio Cruz 2285, CEP 59056-460, Nova Descoberta, Natal, RN, Brasil. E-mail: maac@ufrnet.br

[2] Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração.

[3] Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde.

disfunções, tais como a hipertensão arterial, úlcera gastroduodenal, obesidade, câncer, psoríase e tensão pré-menstrual, as mais estudadas entre aquelas relacionadas ao estresse (6). Além disso, os estudos mostram que os policiais com *burnout* empregam mais o uso de violência contra civis (7).

Assim sendo, da mesma forma que a sociedade exige e necessita de policiais competentes e honestos, comprometidos com os ideários da organização a que pertencem, esses profissionais precisam, também, ser acompanhados e melhor avaliados no que tange às suas condições de saúde, principalmente aos aspectos psicossomáticos, onde a variável estresse tem um enorme poder de destruição da capacidade de trabalho dos indivíduos. A partir dessas considerações, bem como da escassez de pesquisas no Brasil sobre o tema, o presente estudo teve como objetivo diagnosticar o nível e a fase de estresse em que se encontram os policiais militares em uma cidade brasileira, além de determinar a prevalência de sintomatologia física e mental nesses profissionais.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo descritivo teve corte transversal, uma vez que procurou descrever e produzir um instantâneo dos níveis de estresse nos policiais militares da Cidade de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil, com base na avaliação individual de cada um dos membros desse grupo, produzindo indicadores gerais para a comunidade investigada.

A população de interesse era composta de 3 193 indivíduos divididos em oito conglomerados (unidades militares), que eram, por sua vez, divididos em quatro subgrupos hierárquicos. A partir daí, foi dimensionada uma amostra aleatória estratificada de 264 militares, proporcional ao peso dos estratos. Dentro de cada estrato, os indivíduos foram selecionados proporcionalmente ao peso dos conglomerados, garantindo a representatividade de cada estrato. O nível de significância foi de 5%.

A amostra foi estratificada de acordo com os quatro grandes grupos hierárquicos existentes na corporação: oficiais superiores e intermediários (coronéis, tenentes-coronéis, majores e capitães), oficiais subalternos (primeiros e segundos-tenentes), praças (subtenentes e sargentos) e cabos e soldados, todos pertencentes ao Comando de Policiamento da Capital (CPC). Os dados foram coletados por meio do Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos de Lipp (ISSL) (8). Esse instrumento foi desenvolvido para medir o nível de estresse global e não ocupacional em jovens e adultos. Foi validado em 1994 por Lipp e Guevara em populações de diferentes regiões do País e padronizado por Lipp (8). O ISSL, utilizado em inúmeras pesquisas e trabalhos na área do estresse no Brasil (9–12), emprega um modelo quadrifásico, com cada fase refletindo a intensidade do estresse: alerta, resistência, quase-exaustão e exaustão. O modelo é baseado na síndrome geral de adaptação de Selye (13), tendo sido a fase de quase-exaustão acrescentada por Lipp (8).

O ISSL é composto por 37 itens de natureza somática e 19 de natureza psicológica, sendo alguns repetidos, diferenciados apenas em termos de intensidade. Esses itens são organizados em três quadros. O primeiro quadro, que avalia a fase de alerta, inclui 12 sintomas físicos e três psicológicos. O participante marca os sintomas físicos ou psicológicos que experimentou nas últimas 24 horas. O segundo quadro é composto de 10 sintomas físicos e cinco psicológicos; nesse quadro, o participante marca os sintomas que experimentou na última semana. Já a fase de quase-exaustão é diagnosticada com base em uma freqüência maior de sintomas listados no quadro 2 do inventário. Por fim, o terceiro quadro, que avalia a fase de exaustão, apresenta 12 sintomas físicos e 11 psicológicos, e o participante marca aqueles que experimentou no último mês.

Os critérios de inclusão adotados para a amostra foram: estar no mínimo há 2 anos na corporação; concordância em participar do estudo, após informações detalhadas sobre os seus objetivos; assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido; e pertencer ao CPC. Foram excluídos os policiais em tratamento de saúde e que se negaram a participar do estudo. O projeto foi aprovado pelo Conselho de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Os dados foram coletados entre junho de 2004 e janeiro de 2005, tendo sido um dos autores (MC) o único responsável por todas as etapas da pesquisa.

Foi determinada a presença de estresse, a fase de estresse (alerta, resistência, quase-exaustão, exaustão), a prevalência de sintomas físicos e mentais e a relação entre estresse e unidade policial, posto policial, sexo, hábito de beber, fumo, escolaridade, estado civil, idade, tempo de serviço e faixa salarial. Foram aplicados os testes estatísticos do qui-quadrado (χ^2) de máxima verossimilhança para avaliar a existência de associação entre estresse e as variáveis acima citadas, bem como o teste t de Student para proporções ao avaliar a significância na presença de hábitos ou características individuais.

RESULTADOS

Em relação aos dados sociodemográficos, foi possível verificar que a amostra se constituiu, principalmente, por indivíduos do sexo masculino (95,5%), com idade inferior a 40 anos (87,5%), casados (53,8%) e com ensino médio completo (77,3%).

Quanto aos hábitos pessoais, constatou-se um percentual significativo de não fumantes (86,0%; $P < 0,0001$) e de indivíduos sem atividade física regular (62,1%; $P = 0,0003$). No que diz respeito ao consumo de bebidas alcoólicas, um importante indicador de estresse, 35,6% afirmaram não consumir bebidas alcoólicas, enquanto 61,3% afirmaram que consumiam bebidas alcoólicas apenas nos finais de semana ou em festas. Além disso, 0,8% confirmaram um consumo diário de bebidas alcoólicas e 2,3% confirmaram o consumo quando estão com problemas. O percentual de usuários foi significativamente maior do que o percentual de não usuários de bebidas alcoólicas (64,4%; $P < 0,0001$).

TABELA 1. Distribuição das fases de estresse de acordo com o posto dos policiais militares, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, junho de 2004 a janeiro de 2005

		Estresse[a]											
						Fase[b]							
		Não		Sim		Alerta		Resistência		Quase-Exaustão		Exaustão	
Posto[c]	No.	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%
OSI	9	4	44,4	5	55,6	—	—	5	55,6	—	—	—	—
OS	12	7	58,4	5	41,6	—	—	4	33,3	1	8,3	—	—
P	33	22	66,7	11	33,3	1	3	8	24,2	2	6,1	—	—
CS	210	106	50,5	104	49,5	8	3,8	88	41,9	7	3,3	1	0,5
Total	264	139	52,6	125	47,4	9	3,4	105	39,8	10	3,8	1	0,4

[a] χ^2: (H_0: não associação entre o posto e a presença de estresse). χ^2 = 3,40; 3 gl; P = 0,3343.
[b] Conforme o Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos de Lipp (ISSL) (8).
[c] OSI = oficiais superiores e intermediários (coronéis, tenentes-coronéis, majores e capitães); OS = oficiais subalternos (primeiros e segundos-tenentes); P = praças (subtenentes e sargentos); CS = cabos e soldados.

Quanto à hierarquia, verificou-se uma preponderância de cabos e soldados (79,5%). Quanto ao tempo de serviço, o percentual maior foi de policiais entre 2 e 9 anos (53,4%). No tocante à jornada de trabalho, verificou-se que 71,2% dos policiais tinham jornada semanal superior a 40 horas.

A seguir são descritos os resultados relativos à variável dependente estresse entendida como um processo patológico, resultante de uma reação orgânica do corpo às influências externas e de condições anormais, as quais tendem a prejudicar a homeostase do organismo. Dos 264 policiais investigados, 125 (47,4%) apresentaram estresse, contra 139 (52,6%) com diagnóstico negativo (P = 0,398). Embora a diferença não seja significativa, o percentual de policiais com estresse é preocupante.

Os dados constantes na tabela 1, embora não mostrem uma associação significativa entre o posto do policial e a presença de estresse (P = 0,3343), mostram a existência de níveis representativos da variável dependente em todos os postos hierárquicos, em particular entre os oficiais superiores e intermediários (55,6%) e os cabos e soldados (49,5%), com predominância na fase de resistência. Nessa fase, se o estressor é eliminado, ou se técnicas de controle do estresse são utilizadas, o organismo se restabelece e o processo do estresse termina (8). Caso contrário, se a tensão se prolongar e não houver uma adaptação do organismo, o sistema imunológico é comprometido, podendo ocorrer doenças ou mesmo a morte (14). A tabela 1 mostra ainda que os níveis de estresse encontrados nos policiais militares de Natal não diferem muito dos encontrados em homens e mulheres adultos brasileiros (8, 15–18).

TABELA 2. Distribuição da presença de estresse nos policiais por unidade do Comando de Policiamento da Capital, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, junho de 2004 a janeiro de 2005

	Estresse[a]				
	Não		Sim		
Unidade[b]	No.	%	No.	%	Total
1° BPM	31	46,3	36	53,7	67
4° BPM	29	50,0	29	50,0	58
5° BPM	13	48,0	14	52,0	27
9° BPM	21	57,0	16	43,0	37
CPCHOQUE	14	77,8	4	22,2	18
CPFEM	1	14,3	6	85,7	7
CPRE	23	60,5	15	39,5	38
EPMONT	7	58,3	5	41,7	12
Total	139	52,6	125	47,4	264

[a] Conforme o Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos de Lipp (ISSL) (8). χ^2: (H_0: não associação entre as unidades e a presença de estresse). χ^2 = 12,22; 7 gl; P = 0,0935.
[b] BPM = Batalhão da Polícia Militar; CPCHOQUE = Companhia de Choque; CPFEM = Companhia Feminina; CPRE = Comando de Policiamento Rodoviário Estadual; EPMONT = Esquadrão de Polícia Montada.

A tabela 2 mostra um percentual expressivo de policiais com estresse nas unidades do CPC, com destaque para a Companhia Feminina (CPFEM) (85,7%), 1° Batalhão da Polícia Militar (BPM) (53,7%) e 5° BPM (52,0%), embora a associação entre unidade e presença de estresse não seja estatisticamente significativa (P = 0,0935). Contudo, a associação entre sexo e estresse foi positiva (P = 0,0337).

Como mostra a tabela 3, considerando-se todos os postos hierárquicos, foram observados sintomas psicológicos em 95 de 264 policiais (36,0%) e físicos em 30 de 264 policiais (11,4%). Não houve associação entre o posto e a sintomatologia (P = 0,3343). Foi observada uma expressiva prevalência de sintomas psicológicos, característicos das fases de resistência e quase-exaustão, em todos os postos hierárquicos da corporação, tais como sinto-

TABELA 3. Distribuição da sintomatologia prevalente segundo o posto dos policiais militares, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, junho de 2004 a janeiro de 2005

		Sintomas de estresse[a]							
		Não		Sim		Físicos		Psicológicos	
Posto[b]	No.	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%
OSI	9	4	44,4	5	55,6	2	40,0	3	60,0
OS	12	7	58,3	5	41,7	2	40,0	3	60,0
P	33	22	66,7	11	33,3	3	27,3	8	72,7
CS	210	106	50,5	104	49,5	23	22,1	81	77,9
Total	264	139	52,6	125	47,4	30	24,0	95	76,0

[a] Estresse diagnosticado conforme o Inventário de Sintomas de *Stress* para Adultos de Lipp (ISSL) (8). χ^2: (H_0: não associação entre o posto e a sintomatologia). $\chi^2 = 3,40$; 3 gl; $P = 0,3343$.
[b] OSI = oficiais superiores e intermediários (coronéis, tenentes-coronéis, majores e capitães); OS = oficiais subalternos (primeiros e segundos-tenentes); P = praças (subtenentes e sargentos); CS = cabos e soldados.

mas de nervosismo, irritabilidade excessiva, raiva prolongada, cansaço excessivo, irritabilidade sem causa aparente e perda do senso de humor. Os sintomas físicos mais prevalentes foram mãos e pés frios, excessiva sudorese, tensão muscular, insônia, cansaço permanente, flatulência, falta de memória e doenças dermatológicas.

DISCUSSÃO

No presente estudo, os níveis de estresse encontrados nos policiais militares de Natal foram semelhantes aos descritos para homens e mulheres adultos brasileiros (8, 15–18). Isso pode estar refletindo as prevalências observadas de indivíduos não fumantes (86%) e que não consomem bebidas alcoólicas (35,6%), que, mesmo na ausência de exercício físico, podem ser um indicativo de um estilo de vida mais saudável e de uma melhor qualidade de vida.

O predomínio de indivíduos com tempo de serviço entre 2 e 9 anos indica um quadro de pessoal relativamente novo, fruto de uma política de ampliação do número de policiais, implementada pelo Estado do Rio Grande do Norte nos últimos anos. O alto contingente com carga horária acima das 40 horas semanais, por sua vez, sugere que o número de policiais ainda é reduzido, ou seja, insuficiente para atender a demanda, o que pressupõe a necessidade de novas contratações para sanar o problema de escassez de policiais e conseqüente sobrecarga de trabalho para os existentes.

A maioria dos policiais neste estudo encontrava-se em uma fase de estresse na qual ainda era possível lidar com tensões e eliminar sintomas. Entretanto, se os policiais não tiverem à sua disposição estratégias para lidar com os eventos estressores, ficarão sujeitos a uma debilitação do organismo e à instalação das fases subseqüentes do estresse, podendo chegar à fase de exaustão. É nesta última fase que surgem as doenças mais graves, em função da diminuição do sistema imunológico, surgindo, principalmente, a hipertensão arterial, problemas dermatológicos, depressão, raiva, ansiedade, angustia, apatia, alteração do humor e hipersensibilidade emotiva, tornando indispensável a intervenção de profissionais especializados (6, 14).

Como no presente estudo, uma análise de policiais norte-americanos (19) também diagnosticou nesses profissionais níveis de estresse semelhantes aos de homens adultos trabalhadores. Os resultados aqui apresentados também corroboram uma pesquisa realizada na polícia do Estado de Minas Gerais, no Brasil (20), e outra realizada na cidade de Reims, na França (21). A pesquisa de Moraes et al.(20) teve como objetivo diagnosticar a qualidade de vida no trabalho e o estresse ocupacional de 1 152 policiais, tendo como referência os modelos de Hackman e Oldham (qualidade de vida) e Cooper et al. (estresse) (22, 23). O estudo relatou níveis significativos de estresse entre os membros de todos os níveis hierárquicos, principalmente entre os oficiais. Já o estudo de Deschamps et al. (21) teve como objetivo avaliar o nível de estresse em um grupo de policiais franceses e examinar a associação entre exercer essa profissão, estressores em potencial e níveis de estresse. A amostra incluiu 617 policiais operacionais e administrativos. Foram encontrados altos níveis de estresse nos sargentos e oficiais do setor operacional, bem como em policiais do setor administrativo com mais de 30 anos, nenhuma atividade de lazer, e nenhum passatempo. Neste estudo, observamos que os níveis de estresse estavam mais presentes nos postos responsáveis pela tomada de decisões e gerenciamento e naqueles responsáveis pela operacionalização e execução das tarefas. Porém, o teste do χ^2 não revelou associação entre posto e presença de estresse ($P = 0,3343$).

A presença de níveis mais altos de estresse em policiais mulheres, mesmo sendo o seu número pequeno, corrobora outros dados brasileiros referentes a outros grupos profissionais (24–27), nos quais as mulheres apresentaram níveis de estresse mais altos do que os homens. Os modelos logísticos de regressão múltipla por nós utilizados foram ajustados para avaliar a existência de fatores preditores do estresse. Esses modelos tiveram como resposta o logit da freqüência de estresse e como variáveis preditoras um fator qualitativo (unidade, posto, sexo, bebida, fumo, escolaridade e estado civil) e três variáveis preditoras numéricas (idade, tempo de serviço e faixa salarial). Em todos os modelos ajustados, o fator sexo foi o único a apresen-

tar efeito significativo sobre o nível de stress (P = 0,0337), confirmando maior nível de estresse entre as mulheres. Isso talvez se deva à dupla jornada de trabalho, às obrigações domésticas, à tendência feminina de apresentar maior número de fontes de estresse, uma vez que sofrem mais com as relações interpessoais ruins, e ainda a características fisiológicas e psicológicas específicas das mulheres.

Chama a atenção o fato de a Companhia de Choque e o Comando de Policiamento Rodoviário Estadual (CPRE) apresentarem os maiores percentuais de policiais sem estresse (77,8% e 60,5%, respectivamente), embora a associação não seja significativa (P = 0,0935). Pode-se inferir que tais resultados ocorreram em virtude de a Companhia de Choque ser uma unidade militar treinada para situações especiais de extrema tensão, onde o emprego da força e de técnicas especiais de confronto faz parte do treinamento. Quanto ao CPRE, os dados mostram uma situação antagônica à realidade, uma vez que os policiais daquela companhia trabalham no trânsito, um ambiente reconhecidamente estressante. Porém, o fato de a fiscalização e orientação do trânsito na cidade ter sido municipalizada em 2000, ficando o CPRE responsável pelo policiamento rodoviário estadual, e não mais pelo trânsito na capital, pode ter contribuído para a redução ou eliminação das situações geradoras de estresse nesses policiais.

Não deixa de ser surpreendente que os níveis de estresse encontrados entre os policiais da Cidade de Natal se assemelhem àqueles descritos para outras profissões no Brasil, tendo em vista o contexto de atuação desses profissionais, que trabalham em um país com problemas sociais graves. Assim sendo, podemos inferir que os níveis de estresse registrados refletem o fato de Natal ser ainda uma cidade de porte médio, com uma população estimada em aproximadamente 900 mil habitantes, longe dos grandes centros do Sudeste do País, com um índice de violência ainda pequeno, onde o soldado em início de carreira recebe um salário acima da média nacional do setor privado, como mostram os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (28). Esses dados mostram que, em dezembro de 2006, o salário médio dos empregados com carteira de trabalho assinada no setor privado girava em torno de R$ 1 054,10. Enquanto isso, o salário dos soldados, em fevereiro de 2007, era de R$ 1 133,69, segundo dados do Governo do Estado do Rio Grande do Norte (29). Outra situação importante é o fato de os policiais serem servidores públicos do Estado, portanto, com carreira estruturada e estabilidade no emprego, o que propicia uma vida menos estressante.

Moura e Del Nero (17), que estudaram 270 executivos de uma metalúrgica multinacional do Estado de São Paulo (supervisores, gerentes e diretores), concluíram que 80% dos diretores, 68% dos gerentes e 72% dos supervisores se encontravam na fase de resistência do estresse, com prevalência de sintomas psíquicos. Costa et al. (18), que estudaram a ocorrência de estresse em sete especialidades médicas na Cidade de Natal, observaram a presença de estresse na fase de resistência em 66,7% dos profissionais que recebiam até 15 salários mínimos, contra 93,7% dos que recebiam mais do que 15 salários mínimo. Em relação ao número de turnos, esses autores constataram maior predominância da fase de resistência nos profissionais que trabalhavam três turnos ou mais; além disso, 14,3% desses profissionais se encontravam na fase de exaustão. Ambos estudos utilizaram o ISSL.

Uma limitação do presente estudo foi a falta de pesquisas voltadas para o diagnóstico do estresse de forma global, pessoal e clínico, em policiais, no Brasil. A existência desses estudos poderia oportunizar comparações entre os resultados obtidos. A maioria dos estudos nessa área, tanto no Brasil como em outros países, é voltada para o estresse ocupacional, e, mesmo assim, utilizando instrumentos que não foram criados especificamente para esse tipo de profissional. Portanto, estudos futuros devem enfocar o estresse ocupacional dos policiais através de instrumentos específicos de diagnóstico, evitando assim os vieses que porventura possam ocorrer.

CONCLUSÕES

A análise dos resultados permite concluir que o estresse ocorre entre policiais militares da Cidade de Natal, Brasil, em todos os postos hierárquicos, com destaque para oficiais superiores e intermediários e para cabos e soldados. A sintomatologia de estresse se manifesta, principalmente, por meio de sintomas psicológicos, com baixos níveis de sintomas físicos e com predominância na fase de resistência.

Os níveis de estresse e de sintomas não indicaram, necessariamente, a presença de um quadro de fadiga crítico (fase de exaustão), apontando a ausência de um risco ocupacional eminente. Dessa forma, ainda é possível uma ação preventiva por parte da organização militar. Tal ação poderia incluir 1) a aplicação de um efetivo programa de diagnóstico, orientação e controle do estresse, bem como de identificação dos eventos estressores, presentes no dia-a-dia dos policiais, através de *check-up* médico e psicológico anual; 2) a implementação de um programa de atividade física, esporte, ioga e lazer; 3) a construção ou recuperação de espaços adequados a essas práticas; e 4) o aumento do número de policiais, principalmente de soldados, a fim de evitar a sobrecarga de trabalho (mais de 40 horas de trabalho semanais).

Além disso, devem ser realizados estudos longitudinais, nos quais sejam utilizados instrumentos de pesquisa específicos para essa população, com o objetivo de propiciar maior conhecimento sobre o estresse no ambiente organizacional e, principalmente, para identificar os elementos estressores. Finalmente, trabalhos como o presente devem ser repetidos em outras corporações policiais brasileiras, para permitir uma comparação entre os resultados obtidos, a qual poderá confirmar, ampliar ou mesmo refutar os achados deste estudo.

REFERÊNCIAS

1. Spielberger C. Understanding stress and anxiety. Nova Iorque: Harper & Row; 1979.
2. Spielberger CD, Westberry LG, Grier K, Greenfield G. The Police Stress Survey: sources of stress in law enforcement. Tampa, FL: Human Resources Institute; 1981.
3. Collins PA, Gibbs ACC. Stress in police officers: a study of the origins, prevalence and severity of stress-related symptoms within a county police force. Occup Med (Lond). 2003; 53(4):255–63.
4. Perlan B, Hartman EA. Burnout: summary and future research. Human Relations. 1982; 35(4):283–305.
5. Maslach C. Entendendo o burnout. Em: Rossi AM, Perrewé PL, Sauter SL, orgs. Stress e qualidade de vida no trabalho: perspectivas atuais da saúde ocupacional. São Paulo: Atlas; 2005. Pp. 41–55.
6. Lipp MEN (org). Pesquisas sobre "stress" no Brasil: saúde, ocupação e grupos de risco. Campinas, SP: Papirus. 1996.
7. Kop N, Euwema M, Schaufeli W. Burnout, job stress, and violent behavior among Dutch police officers. Work & Stress. 1999;13(4):326–40.
8. Lipp MEN. Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp—ISSL. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2000.
9. Moreira SNT, Melo COM, Tomaz G, Azevedo GD. Estresse e ansiedade em mulheres inférteis. Rev Bras Ginecol Obstet. 2006;28(6): 358–64.
10. Magalhaes SHT, Loureiro SR. Transtorno do pânico: nível de stress e locus de controle. Estud Psicol (Campinas). 2005;22(3):233–40.
11. Camelo SH. Henriques AELS. Sintomas de estresse nos trabalhadores atuando em cinco núcleos de saúde da família. Rev Latino-Am Enfermagem. 2004;12(1):14–21.
12. Silva JDT, Müller MC, Bonamigo RR. Estratégias de coping e níveis de estresse em pacientes portadores de psoríase. An Bras Dermatol. 2006;81(2):143–9.
13. Selye H. Stress: a tensão da vida. São Paulo: Ibrasa; 1959.
14. Greenberg JS. Administração do estresse. São Paulo: Manole; 2002.
15. Soares DM. O stress do executivo brasileiro: diferenças e similaridades entre homens e mulheres [dissertação de mestrado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de Campinas; 1990.
16. Couto HA. Stress e qualidade de vida dos executivos. Rio de Janeiro: Cop; 1987.
17. Moura RJ, Del Nero MCC. Diagnóstico de stress e qualidade de vida de executivos. Em: Trabalho, stress e saúde: mudanças corporativas e bem-estar dos colaboradores—da teoria à ação. Anais do V Congresso de Stress da International Stress Management Association —ISMA— Brasil, e do VII Fórum Internacional de Qualidade de Vida no Trabalho. Porto Alegre: ISMA-BR; 2005.
18. Costa EM, Carvalho ALS, Gico VV, Costa ICC. Estresse ocupacional: um estudo com os profissionais médicos. Em: Trabalho, stress e saúde: mudanças corporativas e bem-estar dos colaboradores—da teoria à ação. Anais do V Congresso de Stress da International Stress Management Association —ISMA— Brasil e do VII Fórum Internacional de Qualidade de Vida no Trabalho. Porto Alegre: ISMA-BR; 2005.
19. Zhao J, He N, Lovrich N. Predicting five dimensions of police officer stress: looking more deeply into organizational settings for sources of police stress. Police Quarterly. 2002;5(1): 43–62.
20. Moraes LF, Marques AL, Pereira LZ. Diagnóstico de qualidade vida e estresse no trabalho da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais [relatório de pesquisa]. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos Avançados em Comportamento Organizacional/Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração/ Universidade Federal de Minas Gerais; 2000.
21. Deschamps F, Paganon-Badinier I, Marchand A-C, Merle C. Sources and assessment of occupational stress in the police. J Occup Health. 2003;45(6):358–64.
22. Hackman JR, Oldham GR. Development of the job diagnostic survey. J Appl Psychol. 1975; 60(2):159–70.
23. Cooper CL, Sloan SJ, Williams S. Occupational stress indicator. Windsor, UK: NFER-Nelson; 1988.
24. Areias MEQ. Saúde mental, stress e trabalho dos servidores de uma universidade [tese de doutorado]. Campinas: Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas; 1999.
25. Barros MVG, Nahas MV. Comportamentos de risco, auto-avaliação do nível de saúde e percepção de estresse entre trabalhadores da indústria. Rev Saude Publica. 2001;35(6):554–63.
26. Moraes LF, Marques AL, Kilimnik ZM, Ladeira MB. Comprometimento organizacional, qualidade de vida e stress no trabalho: uma abordagem de diagnóstico comparativo. Rev Brasileira Administração Contemporânea. 1995;1(9):169–88.
27. Costa, MA, Dantas, MJ. Stress: um diagnóstico dos servidores da UFRN. Em: Anais do IV Congresso de Stress da International Stress Management Association —ISMA— Brasil e VI Fórum Internacional de Qualidade de Vida no Trabalho. Porto Alegre: ISMA-BR; 2004.
28. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa mensal de emprego [texto na Internet]. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2006. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=797&id_pagina=1. Acessado em fevereiro de 2007.
29. Polícia Militar do Estado do Rio Grande do Norte. Diretoria de Pessoal. Tabela de vencimentos. Natal: Polícia Militar; 2007.

Manuscrito recebido em 15 de março de 2006. Aceito em versão revisada em 5 de dezembro de 2006.

ABSTRACT

Stress: diagnosis of military police personnel in a Brazilian city

Objectives. To diagnose the occurrence and stage of stress among military police enlisted personnel and officers in the city of Natal (the capital of the state of Rio Grande do Norte, Brazil), and to determine the prevalence of physical and mental symptoms.

Method. This cross-sectional descriptive study investigated a sample of 264 individuals from a population of 3 193 military personnel from the Natal police command. The data were collected between June 2004 and January 2005 using Lipp's Adult Stress Symptoms Inventory (*Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp*). The research assessed: (1) presence of stress, (2) the stage of stress (alert, resistance, near-burnout, and burnout), (3) the prevalence of physical and mental symptoms, and (4) the relationship between stress and police unit, rank, gender, drinking, smoking, educational level, marital status, age, years of police service, and salary.

Results. No stress symptoms were found in 52.6% of the sample; 47.4% had symptoms. Of the 47.4% of the police personnel with stress symptoms, they were distributed as: 3.4% in the alert stage, 39.8% in the resistance stage, 3.8% in the near-burnout stage, and 0.4% in the burnout stage. Psychological symptoms were recorded in 76.0% of the police personnel with stress, and physical symptoms in 24.0% of them. Of the variables investigated, only gender was related to stress ($P = 0.0337$), with the female police personnel being more likely to suffer from stress.

Conclusions. The levels of stress and symptoms do not indicate a critical situation of fatigue. However, it is recommended that the police take preventive actions, including implementing an effective program for the diagnosis of, training on, and control of stress.

Key words Stress, police, mental health, Brazil.